

I Encontro de iniciação à prática docente

CONTRIBUIÇÕES DA LINGUÍSTICA PARA A FORMAÇÃO DISCENTE E DOCENTE

Abdoral Inácio da Silva** - UAL/CFP/UFMG
Fátima Maria Elias Ramos* (Orientadora) - UAL/CFP/UFMG

RESUMO: O presente artigo tem como finalidade destacar algumas contribuições da disciplina Linguística para a formação de alunos e de professores, no que diz respeito às concepções atuais de estudos da linguagem e da língua. Além disso, ressaltar a importância de novas abordagens linguísticas para a preparação da docência do(a) aluno(a) monitor(a).

Palavras-chave: Linguística. Formação. Alunos e Professores.

INTRODUÇÃO

A verdadeira substância da língua não é constituída por um sistema abstrato de formas linguísticas nem pela enunciação monológica isolada, nem pelo ato psicofisiológico de sua produção, mas pelo fenômeno social da *interação verbal*, realizada através da *enunciação* ou das *enunciações*. A interação verbal constitui assim a realidade fundamental da língua (BAKHTIN, 2006, p. 127).

O objetivo deste artigo é refletirmos sobre a relevância da Linguística nos estudos da linguagem humana e no ensino das línguas, bem como ressaltarmos suas contribuições para a formação de alunos e professores.

Inicialmente apresentamos algumas brevíssimas noções sobre os estudos linguísticos que se iniciam na antiguidade a partir de Panini, que era hindu, ao estabelecer, por meio do Sânscrito, a ideia do sagrado no uso da língua, afirmando que os textos sagrados deveriam ter uma forma específica, pois a linguagem era a maneira do homem se comunicar com o divino.

Na Grécia Antiga, a grande preocupação dos estudiosos da linguagem era estabelecer uma conexão entre as palavras, os objetos ou seres. É aí que surge a ideia das classes gramaticais, estudo tão importante no campo da língua, que predomina até hoje.

Já a partir da Idade Média, os valores culturais greco-romanos foram retomados, por isso vão se acentuando essas concepções sobre classes gramaticais que, com as expansões marítimas de alguns países europeus como Portugal, Espanha e outros, há um intercâmbio linguístico entre eles.

Segundo Faraco (1991), em fins do século XVIII, intelectuais europeus iniciaram o estudo do Sânscrito – língua clássica dos hindus. Daí, em 1786, William Jones, que era juiz em Calcutá, na Índia, destacou semelhanças entre o Sânscrito, o latim e o grego. Depois, em 1816, Franz Bopp sistematiza essas informações de Jones e demonstra, pela comparação da morfologia verbal de cada uma dessas línguas, as correspondências sistemáticas entre elas, surgindo, assim, as primeiras manifestações das teses comparatistas. É bom lembrarmos que, um pouco antes, surge a Gramática de Port Royal que concebia a língua do ponto de vista racional e lógico.

No século XX, a grande contribuição é dada por Ferdinand de Saussure (1995) que sistematiza o estudo linguístico do ponto de vista dicotômico: língua/fala;

I Encontro de iniciação à prática docente

sincronia/diacronia; significante/significado etc.. Alicerçado na noção de língua como sistema, estrutura, que Saussure fundamenta as bases para a Linguística imanente e, a Linguística se estabelece como ciência, a partir desses seus estudos.

A concepção da língua como estrutura na abordagem saussureana cria o conceito de Estruturalismo. Segundo Saussure (1995), na noção de língua como um sistema, o indivíduo não tem condições de modificá-la, mas apenas como se adaptar e usá-la de acordo com as normas convencionadas pelo grupo lingüístico. Assim, para o mestre genebrino, o objeto de estudo da Linguística deveria ser a língua, por isso os primeiros passos dados pela Linguística – como estudo científico - foram na direção de dar uma ênfase maior no sistema, na norma que, para Saussure (1995) é “social” e pode ser normatizado. A fala, para ele, é um ato individual e dificilmente poderia ser analisado.

Após Saussure, outras escolas surgem e ampliam a visão dele, acrescentando que além do sistema, o indivíduo também interfere no processo de uso da língua. O Funcionalismo e o Formalismo apontam nessa direção e demonstram que a língua tem uma função, de acordo com Jakobson de comunicar as ideias e, por isso, ele estabeleceu as funções da linguagem. Já o Formalismo trata das formas mínimas da língua e que delas dependem o uso e a semântica de uma língua.

Os estudos da Sociolinguística – relação entre linguagem e sociedade - dão uma nova dimensão à Linguística ao inserirem o falante/ouvinte, com suas ideologias e as ideologias que o cercam, como principal agente no processo de interação que, segundo Gregolin (2007, p. 52), “[...] Não há, portanto, como separar ciência e ideologia, saber e poder – pois ambos fazem parte da realidade humana da vida em sociedade”. Nessa perspectiva, a fundamentação teórica dos estudos linguísticos teve um avanço significativo ao incluir em suas reflexões o contexto social, isto é, o uso da língua em situações reais de interação.

Em razão disso, refletimos sobre a abordagem sociointeracionista nos estudos da linguagem e da língua.

1 CONCEPÇÃO DE LINGUAGEM E DE LÍNGUA

A linguagem é uma capacidade inata ao ser humano, por isso, ao longo do tempo, houve diversas tentativas de sistematizá-la e explicá-la. Mas é a partir dos estudos interacionistas que há um aprofundamento substancial nessa perspectiva. Bakhtin em **Marxismo e Filosofia da Linguagem** (1929), já nos apresenta a dimensão social da língua, quando afirma: “A enunciação é de natureza social” (2006, p. 113). Podemos entender que há uma clara visão de que os fenômenos linguísticos são caracterizados no dialogismo, porque o indivíduo quando faz uso da língua está revelando a sua visão ideológica, de mundo e o grupo social no qual está inserido.

A relevância dos estudos linguísticos para a compreensão dos fenômenos da língua leva-nos a um entendimento de que há necessidade de ver a língua além da dimensão estrutural, cristalizada por meio das normas e, por isto, estudada do ponto de vista da homogeneidade, tornando essa visão limitada e limitante, uma vez que a língua é estudada a partir da dicotomia certo/errado, representando um reducionismo de uma atividade tão dinâmica como é a língua em uso.

Além disso, outras dicotomias surgiram, como lembra, Gregolin (2007, p. 62): “[...] Na escola, há a centralidade na escrita (só a escrita tem legitimidade, já que a oralidade é vulgar)”. Isso reflete a ideia de supremacia da escrita e que fala e escrita são regidos de forma dicotômica e até oposta.

Assim, a importância da Linguística para a prática docente é essa visão de

I Encontro de iniciação à prática docente

que a aprendizagem deve ser, necessariamente, um processo de aquisição de habilidades e de que o indivíduo adquira o domínio da língua ativamente, fazendo uso dela de forma competente, como salienta Faraco (2007, p. 68): “[...] aprender língua é tornar-se leitor e produtor de textos, saber utilizar a linguagem nas diferentes situações da vida social”, pois a leitura diz respeito a uma atividade que vai muito além do ato de decodificar os signos, e sim, conseguir ler e compreender os diversos códigos presentes nos discursos, nos textos verbais e não-verbais.

Nesse sentido, há uma necessidade urgente dos docentes se apropriarem dessas competências lingüísticas, para que as práticas de ensino não vejam mais a língua em uma perspectiva homogênea. O poema **Língua Portuguesa** de Olavo Bilac e a letra da música **Língua** de Caetano Veloso apresentam claramente duas diferentes visões sobre a Língua Portuguesa.

Língua Portuguesa

(Olavo Bilac, 1908)

Última flor do Lácio, inculta e bela,
És, a um tempo, esplendor e sepultura:
Ouro nativo, que na ganga impura
A bruta mina entre os cascalhos vela...

Amo-te assim, desconhecida e obscura.
Tuba de alto clangor, lira singela,
Que tens o trom e o silvo da procela,
E o arrollo da saudade e da ternura!

Amo o teu viço agreste e o teu aroma
De virgens selvas e de oceano largo!
Amo-te, ó rude e doloroso idioma,

Em que da voz materna ouvi: "meu filho!",
E em que Camões chorou, no exílio amargo,
O gênio sem ventura e o amor sem brilho!

Língua

(Caetano Veloso, 1984)

Gosta de sentir a minha língua roçar
A língua de Luís de Camões
Gosto de ser e de estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia está para a prosa
Assim como o amor está para a amizade

I Encontro de iniciação à prática docente

E quem há de negar que esta lhe é superior?
E deixa os Portugais morrerem à míngua,
“Minha pátria é minha língua”
Fala Mangueira! Fala!
Flor do Lácio, Sambódromo
Lusamérica, latim em pó
O que quer, o que pode esta língua?

Do ponto de vista de Gregolin (2007, p. 56-57), com o qual concordamos, o poema de Bilac entende a Língua Portuguesa em uma perspectiva homogênea, pois o autor pensara a língua a partir do modelo de língua culta; na canção de Caetano, a idéia de língua é defendida como expressão da multiculturalidade identitária do povo brasileiro em uma visão heterogênea. Essa mudança da noção de língua, no final do século XX, refletiu e ainda continua refletindo no ensino da Língua Portuguesa, em nosso país.

Por essa razão, o discente e o docente devem necessariamente conhecer, mesmo que não seja profundamente as novas concepções linguísticas, para que o estudo da língua não seja condicionado apenas a uma forma normativa, homogênea, o que se traduz em um grande equívoco.

Lembremos também que o conceito de heterogeneidade deve ser tratado com discernimento, pois ele é concretizado num ambiente no qual implica alguns fatores quanto ao uso. Por exemplo, para quem falamos, para quem escrevemos e essa diversidade deve considerar qual o discurso poderá ser usado. Indursky (2000, p. 73) define que “os enunciados estabelecem entre si um diálogo constante”. Nota-se que a autora apresenta o conceito de enunciados condicionados pelo dialogismo, isso significa que os sujeitos são considerados a partir do diálogo e não a partir de um rótulo de superioridade ou inferioridade entre os sujeitos.

Considerando a visão heterogênea na prática docente, teremos elementos suficientes para compreender que o discente deve ser ouvido por meio do discurso e do uso da língua que ele domina. É dessa experiência que outras capacidades serão somadas as que ele já possui. Muitas vezes, o papel da escola é limitar essa habilidade e até definindo quais as formas são supostamente corretas ou erradas, ou seja, adequadas ou inadequadas.

Ainda tratando desse ponto, vale ressaltar que todos somos políglotas no uso de uma língua materna e nenhuma forma deverá ter predominância sobre a outra.

Bakhtin (2006, p. 125) afirma que: “Toda palavra é ideológica e toda utilização da língua está ligada a evolução ideológica”. Isso significa que há um dinamismo constante na língua, consequência da evolução da sociedade e nisso os usos linguísticos se modificam. As novas tecnologias, por exemplo, são fatores de alteração ou criação de novos vocábulos e, assim, algumas palavras se tornam obsoletas e outras surgem com novos significados. Todos esses fatores devem ser considerados no estudo da língua, além das ideologias que perpassam o nosso discurso.

2 CONTRIBUIÇÃO DA LINGUÍSTICA

Os estudos da Linguística, a partir da metade do século XX, direcionaram a prática docente para uma dimensão interacionista da linguagem nos diversos modos de uso que se faz da linguagem e da língua. Considerando esse ponto de vista, Gimenez (2007, p. 103) afirma: “[...] Os estudos atuais [...] buscam subsídios em diversas áreas do conhecimento que possam contribuir para o entendimento de situações concretas como ensino de línguas, elaboração de livros didáticos, formação de professores de línguas, [...]” Partindo desse conceito, a prática docente não pode se eximir em considerar a linguagem e a língua de forma múltipla e heterogênea, haja vista as várias

I Encontro de iniciação à prática docente

manifestações presentes nos diversos discursos. O exemplo de uma linguagem nova a ser considerada em suas variedades de formas de uso é a internet que apresenta suas especificidades no uso de certas convenções, particularmente na escrita.

A nossa experiência na monitoria mostra que as práticas docentes, nos níveis de ensino fundamental e médio, ainda são deficitárias, no que se refere ao domínio da língua, pois, nessas etapas, é priorizado o ensino normativo, privilegiado a escrita, muitas vezes desconsiderando os atos de fala e sem usá-los como objeto de estudo, criando, assim, uma discrepância entre escrita e fala como se fossem manifestações totalmente diferentes ou opostas da língua.

Isso se observa quando os alunos ingressam no ensino superior, pois têm algumas dificuldades para compreenderem a nomenclatura lingüística. Se há esse obstáculo, particularmente no Curso de Letras, podemos deduzir que esse fato é também comum aos outros cursos de nível superior. Esse panorama já apresenta alguns sinais de mudança porque as práticas docentes se direcionam para uma formação mais eficiente de ensino em uma perspectiva lingüística. Na monitoria, essa nova concepção de estudar a língua considerando-a como objeto de múltiplas faces nas quais estão inseridos os valores sociais, culturais e outros, faz-se presente em nossas leituras.

Citamos, como exemplo, a prática da alfabetização que é um processo primordial e decisivo para que o indivíduo tenha o domínio de diversas modalidades lingüísticas, nessa perspectiva, os estudos atuais em Linguística são norteadores, apresentando a língua de um ponto de vista da heterogeneidade, multiplicidade, pois ela é a manifestação das experiências que o indivíduo já tem como sujeito de um grupo social. Como diz Kleiman (2001, p. 224): "Partimos do pressuposto de que, embora as experiências dos indivíduos que frequentam as aulas sejam heterogêneas, há uma marcada homogeneidade quanto à sua extração social. [...]". Por isso, o processo de alfabetização falha quando não considera a experiência de vivência do indivíduo e, por esse motivo, torna-se uma prática descontextualizada.

Analisando outro aspecto de uso da língua, consideramos o letramento não somente como uma habilidade para decodificar signos, principalmente na escrita que tem a sua normatização padronizada, mas esse indivíduo também deve ter outras habilidades decorrentes da vivência do ambiente social no qual está inserido. Há frequentemente um confronto entre a prática do ensino normativo que tem uma visão homogênea da língua e, do outro lado, tem-se uma visão bem mais tolerante com a diversidade e a variedade lingüística, estabelecendo uma perspectiva de heterogeneidade, criando um processo dialético, tendo como objeto de estudo a língua.

Desse modo, deve-se considerar na prática docente uma visão dialógica, que certamente será mais adequada para, gradativamente, modificar os conceitos estruturalistas, fundamentados em Saussure e, aos poucos se aproximando dos conceitos interacionistas da Sociolinguística. Alguns questionamentos ainda podem ser levantados a respeito de qual maneira mais adequada a língua deve ser estudada e as respostas não são fáceis de serem encontradas, pois de um lado, o conhecimento da norma é necessário para o uso da língua na modalidade formal ou culta, por outro lado, também as outras variedades têm o seu valor e, assim, somente uma visão dialógica aproximará o estudo da língua ao atender a diversidade lingüística e, além disso, adaptando esse uso em várias situações, como diz Indursky (2000, p. 70): "[...] É mesmo lícito dizer que o princípio dialógico estrutura toda sua produção teórica". Assim o que desejamos destacar é que uma atitude dialógica do docente é decisiva para estabelecer respeito às diversas manifestações lingüísticas que são inerentes à língua, pois ela é um reflexo da sociedade que é heterogênea e, por isso, jamais poderemos ensinar uma língua como um fenômeno homogêneo.

I Encontro de iniciação à prática docente

Há ainda uma concepção de prática de ensino centrada na dicotomia certo/errado que distancia o ensino de língua da dimensão científica e, se esse aspecto não for considerado, torna-se incompleto ou limitado, não atendendo as verdadeiras necessidades referentes a um atendimento de certos critérios científicos o que não é simples de definir nas áreas do conhecimento, e a língua faz parte dessa dimensão. Segundo Travaglia (2007, p. 111), “acreditamos que uma ciência se torna relevante quando suas descobertas são capazes de afetar e/ou de modificar a vida das pessoas [...]”. O que o autor ressalta é que os estudos lingüísticos apresentam uma fundamentação teórica que segue os métodos científicos e, por isso, podem ser aplicados à sala de aula.

Nesse sentido, torna-se relevante uma preparação para o docente já considerando essas idéias e, neste caso, o programa de monitoria é importante, para que passemos de uma visão homogênea da língua, que muitas vezes não segue métodos científicos, para considerar a língua como uma manifestação múltipla e de variedade, no que se refere à cultura, ao grupo social, idade, sexo e outras variantes.

Consideramos ainda que a mudança de paradigma exige adaptações significativas na metodologia de ensino e, neste caso, entra a interação essencial que deve haver entre a academia, a comunidade e experiências já feitas com resultados favoráveis, como relata Kleiman (2001, p. 19): “[...] participando de atividades comunitárias e, em alguns casos, transformando essa relação acadêmica numa relação de amizade com os alunos dos cursos de alfabetização.” Lembremos que essas experiências de alfabetização podem ser aplicadas em qualquer etapa do processo de ensino-aprendizagem. O que se observa ainda é que nas práticas de ensino há uma diferença entre os estudos lingüísticos e a fala. Se a Lingüística ainda é distante do falante, pensemos quão distantes estão os estudos da gramática normativa dele. Felizmente, hoje, há um empenho evidente de diminuir esse distanciamento entre teoria e prática docente.

A contribuição que os estudos lingüísticos oferecem a língua é uma investigação criteriosa sobre os diversos fenômenos lingüísticos e, assim, a escrita e a fala como objetos de estudo devam ter igual relevância, como afirma Kleiman (2001, p. 21): “[...] Era necessário descobrir os assuntos, objetivos e interesses que poderiam unificar as atividades e dar uma função social à escrita, acelerando e facilitando o processo de aprendizagem.”

Acrescentemos, além disso, que as práticas de docência nas academias apontam para a perspectiva interacionista, principalmente levando a escola a esses estudos teóricos, para uma aplicação efetiva da língua em sua diversidade de uso. A complexidade dos estudos lingüísticos exige uma reflexão de como a diversidade da língua é estudada, de como as variações geram preconceitos em relação a outros e como isso pode ser modificado a partir dessas experiências feitas na academia e que aos poucos começam a produzir bons resultados, despertando para uma prática docente direcionada a tornar o usuário dessa língua competente, para usar as diversas variedades e também capaz de fazer as várias leituras, não apenas a decodificação, mas entender qual é a função dos textos, dos discursos.

Por isso, deve-se considerar a língua como objeto de estudo que apresenta uma complexidade na estrutura interna que são as regras, não necessariamente normativas, e as estruturas externas, que são os fatores sociais. Mais uma vez, apontamos para a idéia de romper com o ensino tradicional da língua, pois, a definição de heterogeneidade é característica do estudo de línguas, como diz Faraco (2007, p. 67): “A sociolingüística coloca em cheque a idéia da homogeneidade lingüística, trazendo à tona a discussão sobre as variedades.” Desse modo, a atitude dialógica é o caminho para

I Encontro de iniciação à prática docente

passar de uma prática de ensino normativo para essa dimensão diversificada e considerar que essas variedades têm suas especificidades, não sendo nem mais nem menos valiosa.

Enfim, as práticas docentes devem estar preparadas para esta visão ampla de estudar a língua considerando as diversas manifestações linguísticas envolvidas e por isso, exige uma formação permanente sobre esse conhecimento, como reflete Gregolin (2007, p. 70): “[...] Isso exige um constante redimensionamento das convicções, das práticas, das concepções sobre a língua e sobre o ensino [...]”. Assim, temos uma caminhada longa para alcançar esses objetivos, mas os primeiros passos já foram dados para essas mudanças no uso efetivo da língua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Do que foi exposto, podemos ressaltar que, em virtude da natureza complexa do objeto de estudo da Linguística, torna-se difícil elencar todas as suas contribuições para o ensino da língua.

Sabemos que, os estudos da linguagem e da língua não podem ser avaliados apenas sob um determinado ponto de vista, quer seja formal, informal, literário, culto, pois a diversidade é uma característica inerente à linguagem e jamais poderá ser estudada somente do ponto de vista de uma modalidade. Para Faraco (2007, p. 26), “[...] a ideologia da língua homogênea trata-se de um mal a ser combatido [...]”.

Nesse sentido, o discente e o docente devem aprimorar-se, em seus estudos, na perspectiva da diversidade, pois, segundo Faraco (2007, p. 28), “[...] os lingüistas não só têm defendido que o ensino dê aos alunos acesso às variedades cultas, como têm também desenvolvido uma compreensão mais refinada do próprio fenômeno das variedades cultas”. Somente dessa forma, o ensino de língua será capaz de respeitar as várias manifestações linguísticas e, assim, não haverá uma forma dicotômica de estudar a língua, pois o ser humano faz parte de um grupo social e a diversidade dos discursos revela o seu dia-a-dia.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem [1929]. 12 ed. São Paulo: Hucitec, 2006.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguística Histórica**: uma introdução ao estudo da história das línguas. São Paulo: Ática, 1991.

_____. Por uma pedagogia da variação linguística. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **A Relevância Social da Linguística**: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 21-50.

GIMENEZ, Telma. A relevância social dos estudos da linguagem. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **A Relevância Social da Linguística**: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 94-109.

GREGOLIN, Maria do Rosário. O que quer, o que pode esta língua? Teorias linguísticas, ensino de língua e relevância social. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **A**

I Encontro de iniciação à prática docente

Relevância Social da Linguística: linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 51-78.

INDURSKY, Freda. Reflexões sobre a linguagem: de Bakhtin à análise do discurso. In: **Línguas e Instrumentos Linguísticos**. Campinas, SP: Pontes, n^{os} 4/5, Dez. 1999/jun. 2000.

KLEIMAN, Angela Bastos; SIGNORINI, Inês. **O Ensino e a Formação do Professor:** Alfabetização de Jovens e Adultos. 2 ed. rev. Porto Alegre: Artmed, 2001.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de Linguística Geral** (1916). 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1995.

TRAVAGLIA, Luiz Carlos. A relevância social dos estudos lingüísticos e ensino de língua. In: FARACO, Carlos Alberto et al. **A Relevância Social da Linguística:** linguagem, teoria e ensino. São Paulo: Parábola Editorial; Ponta Grossa, PR: UEPG, 2007, p. 110-135.